



CAPA

Terrorismo de Estado

DONALD TRUMP INAUGURA UMA NOVA E SINISTRA
FORMA DE IMPERIALISMO, ENQUANTO CUIDA
DOS SEUS INTERESSES E PÕE O MUNDO EM RISCO

por MINO CARTA

A situação precipitada pelo assassinio do general Qassem Suleimani apavorou o mundo. Antes de mais nada, parecia inevitável que uma guerra, conforme os gêneros adquiridos ao longo do tempo, viesse a turvar aquilo que enxergamos como paz global. O momento pior da crise está superado? Tíbio o revide iraniano, que utilizou um número reduzido de mísseis e não produziu estragos de monta. Trump aproveitou-se da situação para abaixar o tom a despeito das ameaças do discurso pronunciado na noite do dia 8.

Nenhum desses desdobramentos o desculpa: é admissível que o presidente dos Estados Unidos tome uma decisão tão sinistra, para usar uma palavra que lhe é cara, de sorte a pôr em perigo o mundo inteiro sem o aval do seu Congresso? Os fatos demonstram que é possível e que quem está no trono aja única e exclusivamente a cogitar da sua conveniência pessoal ao mandar às favas

qualquer resquício de democracia no país que se atribui o papel de defensor da própria. E o Legislativo que se moa.

Pergunto aos meus espantados botões se, ao cabo da operação que alvejou o general iraniano, Trump deu pulinhos de alegria ou ergueu os braços ao céu como o artilheiro que fez gol. Em qualquer circunstância, o presidente estadunidense não deixa de ser patético, embora tão poderoso. O recurso ao gesto extremo, impossível de explicar a não ser com a desbragada desfaçatez do mais forte, a bem da verdade tem precedentes. Ameaçado de *impeachment* por causa das suas estripulias sexuais no próprio Salão Oval da Casa Branca, Bill Clinton ordenou o bombardeio

do Iraque. Admitamos, porém, que Trump se superou, com sua aposta no seu eleitorado e de quaisquer cidadãos inclinados à patriotada. Desconhecem todos a implacável advertência de Samuel Johnson: “A pátria é o último refúgio do canalha”.

Diga-se que a opinião pública de início padeceu de um arrepio de perplexidade diante de uma decisão de inaudita violência, tomada aparentemente de afogadilho na perspectiva de possível derrota eleitoral e da própria ameaça de *impeachment*. A oposição democrata não deixou barato e não faltaram os críticos virulentos. Ao sustentar as razões do seu gesto, Trump não foi além da retórica e da fantasia.

**NÃO ESQUEÇAM OS VALENTES CIDADÃOS
DE BOA MEMÓRIA O GOLPE DE 1964
E A AÇÃO DE MORO E DALLAGNOL,
AGENTES DE WASHINGTON, PARA
PRECIPITAR O MAIS RECENTE, DE 2016**





Candente exemplo
do patriotismo
made in USA

Claro era o propósito de Suleimani de reforçar os laços com a maioria xiita da população iraquiana e é lógico que a presença das tropas de Tio Sam já não se adaptava ao desenho democrático do país invadido para enforçar seu presidente, Saddam Hussein. Perfeita a definição dada pelo ministro do Exterior iraniano, Mohammad Javad Zarif, para qualificar o assassinio do general: tratou-se de um ato de imperialismo, ao atropelar a soberania do Irã, e de uma forma abjeta de terrorismo de Estado.

As solenes exéquias do assassinado expuseram a ira popular e a demanda imperiosa por vingança. Do alto da sua empatia imperial, logo após o assassinio o presidente dos EUA disse pomposamente que o objetivo da operação contra Suleimani não era provocar a guerra, e sim evitá-la. Mas por que o conflito haveria de interessar ao Irã, cujas lideranças tinham em Suleimani um chefe militar de absoluta confiança? Trump diz ter agido para evitar a realização de planos sinistros, e volta a palavra tão diligentemente cultivada.

Cabem as reações mais ásperas à prepotência estadunidense, que o governo

de Bolsonaro se apressa a aprovar. Este infeliz Brasil, incapaz de reagir contra os desmandos a golpeá-lo em sua própria pele, conhece muito bem o alcance desse imperialismo. Sabemos como os EUA monitoraram constantemente as políticas latino-americanas e como a famigerada CIA agiu mundo afora, e entre nós em particular, para impor a vontade de Tio Sam. Lembrar o golpe de 1964 vale sempre a pena para os cidadãos de boa memória, de sorte a entender até que ponto os EUA podem chegar para ditar o destino do nosso país.

Há até exemplos mais recentes e mais dolorosos nos nossos dias. Sérgio Moro e Deltan Dallagnol não passam de agentes estadunidenses, habilitados a cumprir pontualmente as ordens de Washington, capital que, aliás, visitam com assiduidade. Resultado escancarado: a condenação de Lula sem provas e a sua longa prisão. De resto, o golpe que a partir de 2013, quando se esboça a Lava Jato, destina-se a criminalizar o PT e a

impedir a reeleição de Lula. Isso tudo leva à eleição de Jair Bolsonaro, que, tomado de profunda emoção, aproxima-se de Trump para exclamar: “I love you”.

Dentro do figurino que vigora faz um bom tempo, a questão transcende as ideologias de antanho. Está em jogo apenas e tão somente o poder, assegurado de qualquer maneira e com todas as hipocrisias necessárias. Assim há de ser considerada a encenação que o próprio mundo por ora nos oferece: a pronta submissão do Reino Unido e do Brasil (tadinho) aos propósitos de Trump, já que no caso mesmo essa ridícula figura serve aos interesses dos grãos, nem mais nem menos, em escala muito reduzida do nosso Bolsonaro. Por aí devem ser encaradas a tibieza europeia e a cautela de Putin, enquanto a China cogita dos seus negócios.

Sobram as perguntas sem resposta diante de uma conjuntura cada vez mais complexa e ameaçadora. Se o Oriente Médio for epicentro de um terremoto, não será surpresa a despeito das expectativas de quantos sonham com um mundo cada vez mais desigual. •